

**MANOEL
DE BARROS
MEMÓRIAS
INVENTADAS**

ALFAGUARA


ALFAGUARA



Copyright © 2003, 2006, 2008, 2018 by herdeiros de Manoel de Barros

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Organização das fotos e documentos
Martha Barros

Curadoria
Italo Moriconi

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica
Regina Ferraz

Imagem de capa
Martha Barros, *Memórias inventadas*, 2017, acrílico sobre tela, 38 x 33 cm, reprodução de Jaime Acioli / Coleção particular

Créditos das imagens
Fotos e documentos reproduzidos no livro pertencem ao acervo pessoal do autor, exceto: p. 79 (abaixo) — Adriana Lafer; p. 81 (ambas) — Marcelo Buainain; pp. 90-1 — reprodução de Jaime Acioli.

Textos de contracapa e orelha
Italo Moriconi

Revisão
Huendel Viana
Thaís Totino Richter

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Barros, Manoel de, 1916-2014
Memórias inventadas / Manoel de Barros. – 1ª
ed. – Rio de Janeiro : Alfaguara, 2018.

ISBN 978-85-5652-064-7

1. Poesia brasileira I. Título.

18-13112

CDD-869.1

Índice para catálogo sistemático:
1. Poesia : Literatura brasileira 869.1

[2018]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Praça Floriano, 19, sala 3001 – Cinelândia
20031-050 – Rio de Janeiro – RJ
Telefone: (21) 3993-7510
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/alfaguara.br
instagram.com/editora_alfaguara
twitter.com/alfaguara_br

O que venho aprendendo com Manoel de Barros	7
<i>José Eduardo Agualusa</i>	

MEMÓRIAS INVENTADAS	11
----------------------------	----

A INFÂNCIA	15
-------------------	----

Escova	17
--------	----

Obrar	18
-------	----

Desobjeto	19
-----------	----

Parrrede!	20
-----------	----

Ver	21
-----	----

O lavador de pedra	22
--------------------	----

Fraseador	23
-----------	----

Cabeludinho	24
-------------	----

O apanhador de desperdícios	25
-----------------------------	----

Brincadeiras	26
--------------	----

A rã	28
------	----

Caso de amor	29
--------------	----

Latas	30
-------	----

Achadouros	31
------------	----

Sobre sucatas	32
---------------	----

A SEGUNDA INFÂNCIA	33
---------------------------	----

Estreante	35
-----------	----

Lacraia	36
---------	----

Pintura	37
---------	----

Oficina	38
---------	----

Bocó	39
------	----

Nomes	40
-------	----

Desprezo	41
Gramática do Povo Guató	42
Sobre importâncias	43
Aula	44
Abandono	45
Um olhar	46
Aventura	47
Aprendimentos	48
Tempo	49
Um doutor	51
Pelada de barranco	52
A TERCEIRA INFÂNCIA	55
Fontes	57
Invenção	58
Jubilação	59
O menino que ganhou um rio	60
Corumbá revisitada	61
Peraltagem	62
Formação	63
Delírios	64
Circo	65
Soberania	66
Manoel por Manoel	67
Cronologia	69
Fotografias e documentos	77
Relação de obras	91
Bibliografia sobre Manoel de Barros	93

O que venho aprendendo com Manoel de Barros

Descobri a poesia de Manoel de Barros em 1988, por um luminoso acaso, nas páginas do número 11 da revista espanhola *El Paseante*, dedicada ao Brasil. Infelizmente, perdi esse exemplar; recordo-me, contudo, que a entrevista era enriquecida por espantosas fotografias do Pantanal, num olhar que acompanhava e completava o do poeta.

Senti uma emoção imensa ao ler pela primeira vez os poemas de Manoel. Por um lado, aqueles versos abriam janelas para a minha própria infância. Nasci e cresci numa pequena cidade do planalto central de Angola. Vivi na fronteira do asfalto com o universo rural. A minha casa assinalava o limite entre dois mundos. Depois dela estendia-se a África: um descampado infinito, capim alto, aves e céu (costumo dizer que à noite ouvíamos rugir os leões, o que é verdade, pois o jardim zoológico era muito próximo).

Por outro lado, enquanto lia os poemas de Manoel de Barros na *El Paseante*, pareceu-me ouvir a voz do meu melhor amigo, o escritor moçambicano Mia Couto. Nesse mesmo dia, xeroquei a revista e enviei as cópias para Mia, por correio. Mia reagiu com entusiasmo, reconhecendo em Manoel um parente próximo. Ambos têm a mesma genealogia poética: Guimarães Rosa. Mia, contudo, não é filho, mas neto do escritor mineiro, pois chegou ao seu próprio projeto literário influenciado pela leitura dos romances do angolano José Luandino Vieira, o qual, por sua vez, sempre se assumiu como um descendente direto de Guimarães Rosa. Luandino leu Rosa nos anos 1960, durante o período em que esteve preso, no campo

de concentração do Tarrafal, em Cabo Verde, acusado de conspirar a favor da independência de Angola.

Em 1994, em Lisboa, fui entrevistado para um jornal português. Não me recordo quem era o jornalista, mas lembro-me muito bem do fotógrafo. Durante a entrevista, falando em Luandino Vieira e em Mia Couto, apontando-os como exemplo de escritores que estavam reinventando o idioma, aproveitei para dizer do meu espanto e da minha admiração por um grande poeta brasileiro que era, à época, totalmente desconhecido do público português — Manoel de Barros. O fotógrafo, que ficara calado até essa altura, soltou um grito de júbilo: “Manoel é meu vizinho em Campo Grande! Vizinho de muro a muro”.

Era Marcelo Buainain, o autor das imagens de que eu tanto gostara na *El Paseante*. Ficamos amigos naquele instante. Disse-lhe que gostaria muito de entrevistar Manoel de Barros, e Marcelo prontificou-se a fazer a ponte entre mim e o seu vizinho. Semanas depois eu estava num ônibus, saindo do Rio de Janeiro para Campo Grande. Manoel de Barros recebeu-me com serena surpresa. Aceitou que eu gravasse a entrevista. Antes ou depois disso — já não me lembro — passeamos pelas ruas vagarosas do seu bairro, conversando como velhos amigos. Na minha memória misturam-se dias de naufrago, com um oceano impetuoso devastando a cidade, violentamente, enquanto relâmpagos estilhaçavam a escuridão, e depois a grande bonança das conversas com Manoel, sob um céu de um azul puríssimo.

Trabalhei muitos anos como jornalista cultural. Entrevistei dezenas de escritores, artistas plásticos, músi-

cos, arquitetos. A entrevista com Manoel de Barros foi, de todas, a que mais prazer me deu. Aliás, é a única que guardo.

As entrevistas com Manoel de Barros são, regra geral, do domínio da poesia. Estão, como os seus versos, semeadas de súbitas iluminações; de revelações; de encantamento. Na entrevista que me deu, gosto em particular do momento em que o poeta se refere a Antônio Houaiss: “O Houaiss é um bom amigo. Eu disse uma vez que o Houaiss nunca vai fazer um verso porque o verso exige quase sempre uma imagem, e a imagem é consequência de uma falta de vocabulário. É uma indigência vocabular que provoca a imagem. Assim, quando um sujeito sabe quase tudo, ele não faz a imagem, ele solta a palavra precisa. Por isso acho que o Houaiss nunca fará um verso, não precisa. O verso é um socorro para aqueles que não dominam tão bem o idioma”.

A frase resume uma parte da ideologia que atravessa e justifica toda a obra de Manoel de Barros: o elogio do erro. A outra parte tem a ver com a exaltação dos pequenos seres, com a valorização dos deserdados e de todos os marginalizados.

A alegria com que Manoel de Barros reinventa o português sempre me fascinou. Ainda me maravilha. Imagino que nunca deixará de atrair novos leitores. A principal razão por que a sua poesia continua atual, contudo, tem a ver com esse olhar atento e compassivo dirigido às margens do mundo. Manoel de Barros ajuda-nos a olhar os outros, os mais invisíveis de entre todos nós, e a encontrar neles a nossa própria humanidade.

Sinto saudades daquela tarde em que passei, em Campo Grande, de braço dado com ele. Mas também sei o que fazer para voltar a ela: procuro um dos livros de Manoel, abro-o — e entro.

José Eduardo Agualusa

Tudo o que não invento é falso.

A INFÂNCIA

ESCOVA

Eu tinha vontade de fazer como os dois homens que vi sentados na terra escovando osso. No começo achei que aqueles homens não batiam bem. Porque ficavam sentados na terra o dia inteiro escovando osso. Depois aprendi que aqueles homens eram arqueólogos. E que eles faziam o serviço de escovar osso por amor. E que eles queriam encontrar nos ossos vestígios de antigas civilizações que estariam enterrados por séculos naquele chão. Logo pensei de escovar palavras. Porque eu havia lido em algum lugar que as palavras eram conchas de clamores antigos. Eu queria ir atrás dos clamores antigos que estariam guardados dentro das palavras. Eu já sabia também que as palavras possuem no corpo muitas oralidades remontadas e muitas significâncias remontadas. Eu queria então escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma. Para escutar os primeiros sons, mesmo que ainda bígrafos. Comecei a fazer isso sentado em minha escrivaninha. Passava horas inteiras, dias inteiros fechado no quarto, trancado, a escovar palavras. Logo a turma perguntou: o que eu fazia o dia inteiro trancado naquele quarto? Eu respondi a eles, meio entressonhado, que eu estava escovando palavras. Eles acharam que eu não batia bem. Então eu joguei a escova fora.

OBRAR

Naquele outono, de tarde, ao pé da roseira de minha avó, eu obrei.

Minha avó não ralhou nem.

Obrar não era construir casa ou fazer obra de arte.

Esse verbo tinha um dom diferente.

Obrar seria o mesmo que cacarar.

Sei que o verbo cacarar se aplica mais a passarinhos

Os passarinhos cacaram nas folhas nos postes nas pedras do rio nas casas.

Eu só obrei no pé da roseira da minha avó.

Mas ela não ralhou nem.

Ela disse que as roseiras estavam carecendo de esterco orgânico.

E que as obras trazem força e beleza às flores.

Por isso, para ajudar, andei a fazer obra nos canteiros da horta.

Eu só queria dar força às beterrabas e aos tomates.

A vó então quis aproveitar o feito para ensinar que o cago não é uma coisa desprezível.

Eu tinha vontade de rir porque a vó contrariava os ensinamentos do pai.

Minha avó, ela era transgressora.

No propósito ela me disse que até as mariposas gostavam de roçar nas obras verdes.

Entendi que obras verdes seriam aquelas feitas no dia.

Daí que também a vó me ensinou a não desprezar as coisas desprezíveis

E nem os seres desprezados.

DESOBJETO

O menino que era esquerdo viu no meio do quintal um pente. O pente estava próximo de não ser mais um pente. Estaria mais perto de ser uma folha dentada. Dentada um tanto que já se havia incluído no chão que nem uma pedra um caramujo um sapo. Era alguma coisa nova o pente. O chão teria comido logo um pouco de seus dentes. Camadas de areia e formigas roeram seu organismo. Se é que um pente tem organismo. O fato é que o pente estava sem costela. Não se poderia mais dizer se aquela coisa fora um pente ou um leque. As cores a chifre de que fora feito o pente deram lugar a um esverdeado a musgo. Acho que os bichos do lugar mijavam muito naquele desobjeto. O fato é que o pente perdera a sua personalidade. Estava encostado às raízes de uma árvore e não servia mais nem para pentear macaco. O menino que era esquerdo e tinha cacoete pra poeta, justamente ele enxergara o pente naquele estado terminal. E o menino deu para imaginar que o pente, naquele estado, já estaria incorporado à natureza como um rio, um osso, um lagarto. Eu acho que as árvores colaboravam na solidão daquele pente.

PARRREDE!

Quando eu estudava no colégio, interno,

Eu fazia pecado solitário.

Um padre me pegou fazendo.

— Corumbá, no parrrede!

Meu castigo era ficar em pé defronte a uma parede e decorar 50 linhas de um livro.

O padre me deu pra decorar o Sermão da Sexagésima de Vieira.

— Decorrar 50 linhas, o padre repetiu.

O que eu lera por antes naquele colégio eram romances de aventura, mal traduzidos e que me davam tédio.

Ao ler e decorar 50 linhas da Sexagésima fiquei embevecido.

E li o Sermão inteiro.

Meu Deus, agora eu precisava fazer mais pecado solitário!

E fiz de montão.

— Corumbá, no parrrede!

Era a glória.

Eu ia fascinado pra parede.

Desta vez o padre me deu o Sermão do Mandato.

Decorei e li o livro alcandorado.

Aprendi a gostar do equilíbrio sonoro das frases.

Gostar quase até do cheiro das letras.

Fiquei fraco de tanto cometer pecado solitário.

Ficar no parrrede era uma glória.

Tomei um vidro de fortificante e fiquei bom.

A esse tempo também eu aprendi a escutar o silêncio das paredes.

VER

Nas férias toda tarde eu via a lesma no quintal. Era a mesma lesma. Eu via toda tarde a mesma lesma se despreparar de sua concha, no quintal, e subir na pedra. E ela me parecia viciada. A lesma ficava pregada na pedra, nua de gosto. Ela possuía a pedra? Ou seria possuída? Eu era pervertido naquele espetáculo. E se eu fosse um voyeur no quintal, sem binóculo? Podia ser. Mas eu nunca neguei para os meus pais que eu gostava de ver a lesma se entregar à pedra. (Pode ser que eu esteja empregando erradamente o verbo entregar, em vez de subir. Pode ser. Mas ao fim não dará na mesma?) Nunca escondi aquele meu delírio erótico. Nunca escondi de meus pais aquele gosto supremo de ver. Dava a impressão que havia uma troca voraz entre a lesma e a pedra. Confesso, aliás, que eu gostava muito, a esse tempo, de todos os seres que andavam a esfregar as barrigas no chão. Lagartixas fossem muito principais do que as lesmas nesse ponto. Eram esses pequenos seres que viviam ao gosto do chão que me davam fascínio. Eu não via nenhum espetáculo mais edificante do que pertencer do chão. Para mim esses pequenos seres tinham o privilégio de ouvir as fontes da Terra.